

Extrema direita e atentado à democracia no Brasil: acontecimento e construção de quadros de sentido na imprensa

Rodrigo Daniel Levoti Portari

Universidade do Estado de Minas Gerais, Departamento de Linguística, Letras, Comunicação e Artes, Frutal, MG, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3196-924X>

Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini

Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Cuiabá e Barra do Garças, MT, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4237-6295>

Fernanda Vasquez Ferreira

Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Departamento de Jornalismo, Brasília, DF, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4242-0057>

Cristóvão Domingos de Almeida

Universidade Federal de Mato Grosso, Departamento de Comunicação, Cuiabá, MT, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6044-4557>

Bruno Bernardo de Araújo

Universidade Federal de Mato Grosso, Departamento de Comunicação, Cuiabá, MT, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8288-2718>

Resumo

Este texto parte do seguinte problema: quais são os principais quadros de sentido construídos por jornais da mídia tradicional sobre os eventos do 8 de janeiro em Brasília? Para tanto, foram analisadas as edições impressas de 9 de janeiro de 2023, um dia após os eventos, veiculadas por quatro jornais brasileiros: Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, O Globo e Correio Braziliense, por meio de Análise de Conteúdo e com base no conceito operador de enquadramento, para compreender como se deu o processo de construção das notícias e reportagens sobre os atentados ocorridos em Brasília. A partir das análises, é possível identificar que as capas em questão mostraram tanto em formas textuais quanto imagéticas a repulsa contra os ataques de 8 de janeiro à democracia com posicionamentos e quadros de sentido que evidenciam as ações de terrorismo e depredação de patrimônio

público daquele acontecimento e a luta pelo direito à democracia no país.

Palavras-chave

extrema direita; 8 de janeiro; cobertura dos jornais; enquadramento; capas de jornais

1 Introdução

O Brasil e o mundo foram surpreendidos no dia 8 de janeiro de 2023 com uma série de ataques ao Congresso Nacional, ao Supremo Tribunal Federal e ao Palácio do Planalto – sede do Poder Executivo – levados a cabo por milhares de manifestantes de extrema direita, que invadiram os prédios e destruíram parte significativa do patrimônio ali preservado. Eram apoiadores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, inconformados com a eleição e a posse de Luiz Inácio Lula da Silva como presidente da República. Os atos, que entendemos como verdadeiros atentados à democracia brasileira e ao estado de direito conquistados com a Constituição de 1988, foram o ápice de uma série de eventos ocorridos ao longo de todo o governo de extrema direita de Jair Bolsonaro entre 2019 e 2022.

Em diversas ocasiões, o então presidente estimulou um clima de antagonismo com as instituições da República, promovendo uma série de ataques públicos à Suprema Corte e ao sistema eletrônico de votação. Na pandemia, adotou uma abordagem negacionista, que passou pela desconsideração da gravidade da crise, a promoção de medicamentos sem eficácia científica, a incitação da desconfiança sobre as vacinas e o ataque permanente a cientistas, sanitaristas e jornalistas, acusados pelo presidente de promoverem pânico na sociedade com o objetivo de desestabilizar o seu governo. Entre os alvos, esteve o Supremo Tribunal Federal (STF), a quem coube garantir o cumprimento de medidas de contenção da crise que governadores de estado buscavam implementar, ante a inércia do poder central.

O antagonismo extremo, que opõe “cidadãos de bem” a grupos entendidos como inimigos da pátria, esteve sempre presente no discurso de Bolsonaro, mas se aprofundou nas eleições de 2018. A lógica integra a estratégia de líderes populistas em diferentes regiões do mundo e cujos partidos têm crescido exponencialmente. No caso brasileiro, a eleição de Bolsonaro e o modo como geriu o seu governo – numa atitude permanente de desestabilização das instituições – resulta de um conjunto de crises que o país viveu desde junho de 2013, quando as ruas começaram a ser tomadas por grupos que exigiam melhores condições nos

serviços públicos, mas cujas pautas foram cooptadas por grupos de direita. Desde então, o país viveu anos de intensa crise, estimulada pela ação de grupos atuantes no interior das próprias instituições do judiciário, da política e da imprensa.

Nas eleições de 2014, o então candidato do PSDB, depois de uma derrota apertada para Dilma Rousseff (PT), questionou o resultado das urnas. O modo como a Operação Lava Jato geriu as investigações (como as mensagens da Vaza Jato e os fatos posteriores revelaram), a inércia do STF ante medidas ilegais da Operação e a cobertura acrítica das investigações pela imprensa foram fatores que contribuíram para a desestabilização do país e a criação de um clima de radicalização social e política, sem o qual Bolsonaro não teria sido eleito. A destituição de Dilma Rousseff em 2016, seguida por um governo que impôs uma agenda neoliberal não autorizada nas urnas, além da prisão de Lula da Silva, são outros elementos que agudizaram a situação nacional, aceleraram a desconfiança nas instituições e jogaram o país num processo de desdemocratização cujos efeitos foram materializados no 8 de janeiro de 2023.

Após a vitória de Lula, em outubro de 2022, Bolsonaro descumpriu um rito comum nas democracias, recusando-se a reconhecer a vitória do adversário. Permaneceu calado e recluso durante dias, sem declarações ou compromissos oficiais. Diante das pressões populares, três dias depois do pleito, fez um breve pronunciamento, para afirmar que respeita a democracia, em um discurso vago e sem menção ao vencedor do pleito. O posicionamento antidemocrático influenciou apoiadores a realizarem ações de afronta à legalidade, como os acompanhamentos diante dos quartéis do Exército. Apesar do clima político que ele mesmo estimulou, Bolsonaro deixou o país dois dias antes do fim do mandato, para não participar da cerimônia de posse e transmissão da faixa presidencial a Luiz Inácio Lula da Silva, ocorrida em 1 de janeiro, uma semana antes do 8 de janeiro.

O conjunto de ataques às instituições, articulado em discursos polarizados, que apelam à cólera pública contra agentes e valores do sistema democrático – vinculados, com frequência, a discursos desinformativos – integram o *modus operandi* da extrema-direita populista que tem crescido neste começo de século. Cas Mudde (2022) argumenta que um dos principais perigos atuais para as democracias está na normalização da extrema direita. Esse processo diz respeito ao rápido deslocamento de movimentos extremistas das margens para o interior dos sistemas políticos. Com isso, não é incomum que visões antissistema e autoritárias ganhem espaço e tendam a integrar-se ao discurso cotidiano de políticos identificados como moderados e de meios de comunicação tradicionais. Yascha Mounk (2019), em *O Povo contra a Democracia*, argumenta que as plataformas de mídias sociais jogam um papel relevante na propagação de

teses extremistas, porque dão às lideranças que as professam a possibilidade de estabelecerem uma comunicação direta com seus eleitores, prescindindo da mediação clássica exercitada antes, de forma monopolista, pela comunicação social. Assim, as redes aproximam os extremos do *mainstream* político. Todavia, a normalização da extrema direita não se explica apenas pelo papel que as plataformas de mídia social efetivamente possuem.

É preciso considerar, ainda, o lugar dos meios tradicionais nesse processo. Apesar de as mudanças no ambiente comunicacional terem relativizado o seu papel, a mídia tradicional continua a ter um papel de relevo na definição da agenda (Lange; Gruber, 2020). No caso do Brasil, os grandes meios atuaram em todos os episódios da crise que desembocou na vitória da extrema direita, com atitudes que Albuquerque (2021) entende como desestabilizadoras da vida político-institucional. Ao considerarmos as características da cobertura dos escândalos, por exemplo, percebemos com mais clareza esse papel de agente desestabilizador da mídia. Araújo (2018), ao estudar o discurso da imprensa sobre o Mensalão, identificou a predominância de padrões de cobertura centrados em personificação, conflito e pressão sobre as instituições. Daí o argumento de Guazina, Gagliardi e Araújo (2023), para quem a cobertura da corrupção criou as condições políticas e discursivas para a emergência do bolsonarismo.

Com efeito, o papel da imprensa é evidente e merece ser explorado, não somente em episódios que antecederam ao 8 de janeiro, mas, igualmente, no modo como os veículos construíram o acontecimento. A partir desse contexto, este trabalho propõe uma análise dos quadros de sentido construídos por quatro jornais de referência, representantes da mídia tradicional, para perceber como eles interpretaram e definiram, em suas capas, os eventos do 8 de janeiro de 2023 como um acontecimento jornalístico. Para tal, foram analisadas as edições impressas de 9 de janeiro de 2023, um dia após os eventos, de Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo e Correio Braziliense. Estudam-se textos e imagens das primeiras páginas, para responder à seguinte questão de pesquisa: quais são os principais quadros de sentido construídos por jornais da mídia tradicional sobre os eventos do 8 de janeiro em Brasília?

Entendendo o jornalismo como instância politicamente ativa e socialmente indispensável às democracias, partimos da noção de acontecimento proposta por Louis Quéré (2005, 2011, 2012), para quem o acontecimento é uma ruptura da normalidade que “faz falar”. Admitida a dimensão pragmática dos acontecimentos, consideramos que eles são fenômenos simbólicos, construídos a partir daquilo que se diz e dos silenciamentos sobre cada evento, do que se projeta e do que é secundarizado. Assim, a definição de um acontecimento passa, em larga medida, pelos quadros de sentido em circulação na e a partir da imprensa. Diante disso,

o conceito de enquadramento proposto Goffman (2012) ajudará a encaminhar uma análise empírica capaz de apreender como se deu a construção das notícias e reportagens sobre os atentados ocorridos em Brasília.

Além desta Introdução, o artigo apresenta um contexto sobre o acontecimento do 8 de janeiro de 2023, seguido de uma discussão do conceito de quadros de sentido (enquadramento) com base na literatura pertinente. Em seguida, são apresentadas as questões metodológicas, a análise e discussão dos achados e as considerações finais.

2 Os atentados sob a perspectiva do acontecimento

Os atentados ocorridos no dia 8 de janeiro de 2023, em Brasília, suscitaram uma série de questões jornalísticas, mas uma das mais relevantes foi a do elemento surpresa em face do seu ineditismo na história brasileira. Apesar da inconformidade de manifestantes com o resultado eleitoral e de grupos por todo o país estarem há tempos se organizando, não se podia supor a gravidade do ocorrido na capital naquele dia, uma semana após a posse do novo governo. Quando as milhares de pessoas começaram a sua marcha em direção à Praça dos Três Poderes, pouco depois da hora do almoço, não se sabia o que estaria por vir. No entanto, a partir do momento em que os atos de vandalismo e os gritos de intervenção militar e ameaças à democracia começaram a ser suscitados e espalhados, inicialmente em redes sociais, a mídia jornalística voltou sua atenção para o que ocorria em Brasília, de onde as cenas chocantes começaram a emergir.

Quando a invasão efetivamente ocorreu, a TV Globo, por exemplo, entrou em cobertura simultânea com a Globonews, numa demonstração da gravidade do momento. A cobertura simultânea e ao longo de todo o restante do dia produziu sentidos que foram sendo reconfigurados no calor dos eventos. Os ataques romperam com a normalidade, provocando uma ruptura do cotidiano e transformando as ocorrências em acontecimentos jornalísticos de ampla repercussão. Mas como definir um acontecimento? O sociólogo Louis Quéré adota uma perspectiva pragmatista, apontando a necessidade de buscar uma anterioridade que auxilie na compreensão daquilo que ocorre. A busca pela interpretação e pelo reconhecimento do ocorrido revela reflexos do acontecimento na sociedade como um todo:

[...] A compreensão do acontecimento e da situação que ele gera, ou revela, passa, também, pela sua explicação causal, que não é unicamente da ordem da contemplação. Mas essa explicação não é mais do que um componente da

compreensão que deriva, igualmente, da comprovação do acontecimento e da experiência dos seus efeitos. Porque o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém (Queré, 2005, p. 60-61).

Os atos em Brasília, considerados como *terroristas* pelas autoridades, trouxeram à mídia jornalística a necessidade de uma explicação causal. Não se tratava apenas de um breve relato das situações vivenciadas e registradas, mas provocava, no jornalismo, a necessidade de compreensão do evento e a sua transformação em acontecimento. Há um contexto de anterioridade claro que se revela nas crises anteriores e eclode naquela data. O rompimento da normalidade, provocada naquele momento, resgata memórias e afeta experiências. Assim, as questões suscitadas pelo jornalismo impresso no dia seguinte são exatamente o que e onde ocorreu, a quem afetou o evento e qual foi a trajetória percorrida pelos manifestantes, passando pelas suas causas. Tudo isso enforma o acontecimento “8 de janeiro”.

Adotando a mesma perspectiva de Queré, Mouillaud (2012, p. 50) aponta que a função do jornalismo, a partir do acontecimento e das suas afetações na sociedade, é a de explicar o acontecimento de modo a permitir uma melhor compreensão do social. O autor argumenta que a predileção do jornalismo pelos acontecimentos inesperados, não programados, se deve ao fato de que esses eventos são os que mais carecem de buscas e interpretações na revisão de suas implicações para o tecido social. Nesse ponto, Mouillaud evidencia duas tipificações de acontecimentos que merecem destaque: a existência de acontecimentos inesperados, como um acidente ou uma avalanche que surpreende a todos; e, na outra ponta, a existência de acontecimentos “pré-programados”. Para essa segunda tipificação, enquadram-se, por exemplo, partidas de futebol ou reuniões ministeriais, para os quais há uma data, horário e local de ocorrência. No entanto, os ataques a Brasília surgem como acontecimento em que as duas características se misturam.

Embora contenham elementos inéditos, os eventos também remetem aos elementos históricos mencionados anteriormente que sugerem a possibilidade de sua ocorrência. De um lado – e ao longo dos dias e das investigações policiais – identificaram-se grupos em redes sociais nos quais os mobilizadores dos atos programaram o dia, horário e local para que o evento ocorresse. Para os manifestantes e apoiadores do ex-presidente, o 8 de janeiro foi apenas um evento pré-programado, com milhares de pessoas preparadas para uma marcha à sede dos três poderes. Por outro lado, grande parte da população não conectada a esses grupos, mesmo ciente da presença de pessoas acampadas na capital, não esperava o acontecimento e

sequer a dimensão da violência adotada. Nem mesmo as empresas jornalísticas, de certo modo, estavam preparadas para a magnitude do evento.

Para Vera França (2012), ao observarmos o acontecimento pelas lentes da mídia jornalística, é importante adotar a perspectiva de que aquele evento se transforma em uma unidade desencadeadora de sentidos, dotada de um poder hermenêutico capaz de afetar a vida pública, dada a dimensão pragmática das representações simbolicamente construídas na mídia. A autora reforça o olhar de Quéré, para quem é necessário que o acontecimento seja compreendido e interpretado pelo viés social, tendo em vista que é um fenômeno circunscrito na sociedade e com impactos sobre ela, e não apenas a partir da interpretação jornalística, enquanto instância profissional. Cabe ao jornalismo promover essas reflexões e trazer à luz a série de relações entre o que ocorre e a sociedade, permitindo que, no processo de construção simbólica, seja possível compreender as diversas facetas e nuances do ocorrido:

[...] reconstruímos, através do pensamento, as condições que permitiram ao acontecimento produzir-se com as particularidades que apresenta; restauramos a continuidade no momento em que a ruptura se manifesta, ligando a ocorrência do acontecimento a um passado de que ele é ponto de chegada ou incluindo-o num contexto do qual ele se integra coerentemente e surge como, afinal, previsível (Queré, 2005, p. 61).

Instaura-se a partir daí um campo problemático em que o jornalismo precisa evidenciar os conflitos e contradições ligados ao acontecimento, permitindo uma leitura de mundo capaz de dar conta da cadeia de eventos anteriores e posteriores ao fato em si. Considerando essa perspectiva e ao voltarmos o olhar para a imprensa brasileira no dia seguinte à invasão de Brasília, é possível notar a prática desse exercício de compreender o acontecimento do 8 de janeiro a partir de uma série de eventos anteriores. Nesse ponto, o jornalismo recorre a quadros de sentido que buscam evidenciar o acontecimento, auxiliando na compreensão dos fatos e, ao mesmo tempo, na estruturação semântica de toda a cadeia de eventos que culminaram nos ataques à democracia brasileira.

3 Os quadros de sentido de Goffman

Se o acontecimento *faz falar* e o jornalismo fala sobre ele, inquieta-nos a perspectiva pela qual a notícia será narrada ou enquadrada. Para isso, recorreremos a Erving Goffman, que, em *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience* (1974), propõe a existência de

quadros de sentido que nos permitem compreender as interações sociais. Goffman (2012) define os enquadramentos como princípios de organização que orientam os eventos sociais, bem como a maneira como nos envolvemos com tais eventos. Os enquadramentos são marcos interpretativos constituídos socialmente e que orientam as pessoas a dar sentido aos eventos e às situações sociais, incluindo os acontecimentos em quadros esquemáticos de interpretação. Assim, o conceito pode ser compreendido como uma generalização que nos permite classificar e categorizar os eventos:

[...] Pressuponho que as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. Esta é a minha definição de quadro. Minha expressão “análise de quadros” é um slogan para referir-me ao exame, nesses termos, da organização da experiência (Goffman, 2012, p. 34).

No caso do jornalismo, Ferreira (2018) esclarece que os enquadramentos noticiosos chamam a atenção para determinados pontos e excluem outros. Iluminar alguns atributos e obscurecer outros configura uma percepção do acontecimento, ampliando a visibilidade de certos elementos em detrimento de outros, sugerindo explicações causais e avaliações normativas sobre o fato noticiado. A autora reforça que os enquadramentos destacam os dados fornecidos por determinada fonte à revelia de outra, evidenciam as ações de determinados agentes enquanto minimizam as de outros, tornando-os, por vezes, irrelevantes. É nesse contexto que também se configuram as imprecisões. “A análise de quadros recomenda, portanto, uma base analítica para distinguir as fontes de ambiguidade. Ela nos leva também a perguntar pelas circunstâncias que fazem com que uma ambiguidade possa persistir ao longo do tempo” (Goffman, 2012, p. 376).

Segundo Goffman, em razão da própria natureza do enquadramento, os acontecimentos assumem caráter essencialmente impreciso. Desse modo, ambiguidades e enquadramentos errôneos, além das disputas de quadro, podem se orientar para diferentes elementos do enquadramento, a depender, por exemplo, de qual é o feixe de orientações lançado sobre determinado acontecimento. Nessa perspectiva, há dois quadros de sentidos nos processos interacionais, sendo um primário e outro secundário. Neste primeiro, temos a situação em si, ou seja, qual é o momento da interação? O primeiro quadro é percebido, por exemplo, assim que um professor entra em uma sala de aula. Ele já carrega consigo as

expectativas da interação, levando em consideração o ambiente a sua volta, os participantes da aula, o tema a ser debatido, e todos os demais detalhes do processo ensino-aprendizagem.

O quadro secundário, por sua vez, se dá quando há um novo enfoque para a situação primária, e os discursos são alterados e se balizam a partir da interpretação do que está ocorrendo na interação. Goffman aponta, também, a existência de elementos-chave durante a interação situacional que funcionam como operadores de sentido entre os interlocutores. Essas *keys* permitem a ressignificação do quadro primário, acrescentando elementos que permitem a fluidez da interação a partir das novas situações propostas:

[...] Como se nota, em Goffman, os frames não são estratégias simplesmente construídas por atores sociais para influenciar seus interlocutores. Trata-se de uma estrutura de sentido processualmente delineada por meio do encontro de sujeitos em uma situação. Para o sociólogo, os atores não são completamente livres e independentes no engajamento interacional. Eles são configurados pela situação, que os precede embora eles atuem sobre ela. A microssociologia de Goffman não é uma apologia das agências individuais, mas o reconhecimento de que essas agências se conformam no interior de situações concretas e específicas, ao mesmo tempo em que as transformam (Mendonça; Simões, 2012, p. 190).

A perspectiva do autor tem sido utilizada em estudos sobre a mídia por diversos pesquisadores de Comunicação. Recomenda-se, no entanto, que as análises dos quadros de sentido não sejam feitas em separado, evitando perder os efeitos da metacomunicação no contexto interacional. O meta-acontecimento, imbricado no que tratamos aqui como metacomunicação, é um evento que nos permite inferir algo que vai além do evento propriamente dito. Assim, o meta-acontecimento atravessa o evento – os ataques ocorridos em 08 de janeiro de 2023 – e estabelece relações interacionais com os leitores dos jornais objeto de nossa análise. Isso reforça a perspectiva de análise proposta neste trabalho, que considera os quadros de sentido reclamados na construção imagética e textual das capas dos jornais.

4 Percurso metodológico

Para fins das análises realizadas, exploramos as edições dos jornais impressos publicadas em 9 de janeiro de 2023, um dia após os atentados ocorridos em Brasília. Explorar as edições dessa data permite apreender os primeiros sentidos do acontecimento produzidos pelos jornais O Globo, Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo e Correio Braziliense. A intenção foi justamente buscar como o jornalismo se posicionou e ajudou a configurar o acontecimento

a partir dos quadros de sentido apresentados aos leitores. A escolha de centrar as análises nas capas dos jornais se deu em razão de esta ser a página onde a publicação sintetiza as suas escolhas editoriais para atrair a atenção de leitores. Um mundo que se constrói simbolicamente na mútua afetação entre discurso jornalístico e tecido social e cujos sentidos postos em circulação influenciam a leitura daquilo que é enunciado nas páginas internas. A capa é, assim, uma página preparada para partilhar, rápida e eficientemente, enquadramentos que funcionam como mapas de leitura dos eventos narrados:

[...] A primeira página, independente do que se passa no interior do jornal, atua na produção e circulação de sentidos. Ela é parte importante na “cadeia de transformações”, no conjunto dos “operadores sócio-simbólicos” que atribuem sentido e dão forma àquilo que aconteceu: operadores que produzem os acontecimentos (Mouillaud 2002, 49-51). Ela direciona a leitura do tema, enquadrando as abordagens, indicando significados possíveis. Mais do que isso, faz a adesão a certos valores, tidos por adequados, por meio da validação de determinadas leituras. Na perspectiva de Genette (2009), conforme exposto acima, a primeira página funciona como paratexto para aquilo que está publicado no interior do jornal, comandando sua leitura. Ao chegar à matéria interna, o leitor que passou pela página um tem o olhar influenciado pelo modo como ela abordou o assunto. Ela insere uma moldura no processo de construção dos acontecimentos que, como lembra Mouillaud (2002, 61), opera ao mesmo tempo um corte e uma focalização: separa um campo e aquilo que o envolve e contém “a hemorragia do sentido para além da moldura (Orlando, 2017, p. 43).

Apesar de pertencerem a empresas jornalísticas distintas, essas primeiras páginas, quando colocadas lado a lado, ajudam a compreender como o acontecimento do 8 de janeiro foi narrado e enquadrado pela grande imprensa brasileira. Essa metodologia é inspirada em Aby Warburg e sua obra *Atlas Mnemosyne*, analisada e discutida por Didi-Huberman (2019). A proposta do artista, segundo o autor, é reunir fragmentos da história que nos permitam uma releitura do mundo, evidenciando o que ele chama de conhecimento necessário. O autor propõe que estudar a história a partir de suas correlações nos permite ampliar as leituras sobre o que acontece em nossa volta. Assim, a disposição em analisar o enquadramento do acontecimento da invasão a Brasília a partir da análise das capas “lado a lado” permite compreender melhor os quadros de sentidos apresentados pela mídia jornalística no dia seguinte ao evento:

É a aposta que as imagens, unidas de um certo modo, nos ofereceriam a possibilidade – ou melhor, o recurso inesgotável – de uma releitura do mundo. Reler o mundo: ligar diferentemente os fragmentos desiguais, redistribuir a

disseminação, meio de orientá-lo e interpretá-lo, certamente, mas também de respeitá-lo, de remontá-lo sem acreditar resumi-lo nem esgotá-lo (Didi-Huberman, 2019, p. 27).

O recurso inesgotável de Warburg era o de compreender o mundo e suas diferentes épocas históricas pela aproximação. O nosso é o de analisar como um acontecimento como o ocorrido na capital federal do Brasil se materializa pelo olhar jornalístico, oferecendo um panorama de leitura daquilo que foi significado por jornalistas e repórteres no curso do acontecimento. Nessa perspectiva, nosso processo metodológico permite compreender o papel do jornalismo em suas formas de interpretar o mundo a partir de suas narrativas e enquadramentos. A possibilidade de leitura das capas dispostas uma ao lado da outra, como fragmentos daquela realidade, nos auxilia na apreensão das temporalidades do jornalismo num momento em que se discute a crise das narrativas, dada a velocidade de atualização da informação. O recorte e a junção dos saberes acumulados ao longo das edições permitem-nos ver e (re)ler a história contada pelos jornais. Por serem o primeiro ponto de contato com seus leitores, espera-se que as primeiras páginas apresentem uma maior expressividade dos enquadramentos propostos para o acontecimento.

Desta forma, investigamos as representações do acontecimento em Brasília a partir dos enquadramentos propostos nas capas, com base em questionamentos que se apresentam como linhas de exploração do material: seriam atos democráticos? Seriam atos revolucionários? Seriam atos criminosos? Como os personagens o – os autores, as autoridades políticas e judiciárias – figuram na cobertura? Como Jair Bolsonaro e Lula da Silva, as duas figuras centrais do momento político vivido, são entendidas pelos enunciadores jornalísticos? Essas são questões que instigaram a presente investigação e que serão apresentadas em nossas análises.

Para compreender essas representações, encaminhamos uma análise de conteúdo qualitativa com base em Bardin (2011), para quem a técnica diz respeito a:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

É importante mencionar que o conceito de enquadramento de Goffman (2012) nos auxilia na exploração do *corpus*, pois permite compreender os diversos pontos de vista a partir

dos quais as publicações enquadram os eventos, se sob o viés da defesa da democracia ou de outros. Para tal, consideramos uma leitura sincrética que envolve textos, imagens e escolhas gráficas das primeiras páginas. A Figura 1 apresenta as capas que analisamos e que constituem o *corpus* deste trabalho.

Figura 1 - Capas dos jornais de 09.01.2023



Fonte: Correio Braziliense (2023).

Figura 2- Capas dos jornais de 09.01.2023



Fonte: Folha de S. Paulo (2023).

Figura 3 - Capas dos jornais de 09.01.2023



Fonte: O Estado de S.Paulo (2023).

Figura 4 - Capas dos jornais de 09.01.2023



Fonte: O Globo (2023).

As capas do dia seguinte são entendidas, neste estudo, como uma tentativa de responder à pergunta: o que está acontecendo aqui? É o que a análise procura sistematizar.

5 Correio Braziliense: o atentado em uma linha do tempo

O jornal *Correio Braziliense*, com sede na capital federal, dedicou a capa totalmente à cobertura dos episódios de 8 de janeiro. Composta majoritariamente por títulos em letras garrafais e nove fotos, das quais três delas têm maior destaque, a capa do jornal cria um *storytelling* do acontecimento com fotos, manchetes e texto que apresentam o 8 de janeiro de maneira linear: desde o prédio mais depredado nas ações – o STF – até o pedido de desculpas do governador do Distrito Federal. Ainda na primeira parte da capa e ao lado da foto principal, há mais três imagens menores que ocupam uma coluna, evidenciando a destruição ao prédio do STF. A capa evidencia o valor do acontecimento, e a primeira manchete – “Ataque terrorista vandaliza República [...]” – enquadra o acontecimento no contexto do vandalismo e da criminalidade. As reticências utilizadas indicam um estado de continuidade do acontecimento, ligando-se, imediatamente, às fotografias da Câmara dos Deputados e do Palácio do Planalto. A primeira traz a seguinte legenda: “Extremistas bolsonaristas jogaram o carro da Polícia Legislativa no espelho d’água do Congresso Nacional”, e a segunda: “No Palácio do Planalto, além de quebrar as instalações, os terroristas roubaram armas e obras de arte”. As imagens dão conta da proporção do ataque aos prédios públicos e se conectam imediatamente à segunda manchete: “[...] Moraes afasta Ibaneis e Lula intervém no DF”. Como se nota, o jornal estabelece um vínculo direto entre os extremistas e Jair Bolsonaro, ao referir-se a “extremistas bolsonaristas” ou quando se refere a eles como “apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro”, sugerindo a responsabilidade de Bolsonaro nos eventos. O texto de quatro colunas qualifica o atentado como “o mais grave atentado à República desde a redemocratização”, afirmando que os autores, “extremistas”, “invadiram e depredaram” os prédios públicos e a República.

Os parágrafos da chamada narram as cenas como “grotescas” e “criminosas”, uma “baderna” produzida por “baderneiros”. O enunciador aponta falhas no policiamento e a demora na reação da Polícia Militar. Como tal, justifica-se a atitude do presidente Lula da Silva ao responsabilizar o Governo do Distrito Federal pelos atos e decidir pela intervenção na área de segurança. O modo como as manchetes se articulam conferem um sentido de acerto à atitude de Lula, dada a gravidade do que o jornal expõe em posição tópica: um “ataque terrorista”. Além disso, o texto apresenta as ações de outro personagem, o ministro do STF, Alexandre de Moraes, que determinou o afastamento do governador do DF, Ibaneis Rocha, e a prisão do secretário Anderson Torres. Abaixo do texto, três fotos mostram as equipes de perícia no Planalto, a prisão de 300 “baderneiros” e o pedido de desculpas do governador.

Os quadros de sentidos secundários evidenciam a tentativa de o veículo fornecer *frames* a partir de princípios de organização que orientam os eventos e o envolvimento subjetivo dos jornalistas em relação a eles. É o que Goffman (2012) chama de enquadramento, ou seja, elementos básicos sobre os quais é possível identificar um acontecimento e organizar uma experiência. Ferreira (2018, p. 47) explica que sempre haverá um processo de seleção, um olhar lançado para um aspecto particular da cena. Esse olhar constitui uma visão, dentro de uma variedade de possibilidades, mas que, por um quadro referencial, é enquadrado com um sentido específico. A partir da capa analisada, o Correio Braziliense investiu na construção de uma linha do tempo dos atentados de 8 de janeiro, com uma abordagem imagética abundante e manchetes que evidenciam a urgência e a gravidade dos eventos, mediante um *continuum* jornalístico do acontecimento.

6 Folha de S.Paulo: declarações e jornalismo para reportar as invasões

A capa do jornal Folha de S.Paulo também dá destaque majoritário aos atentados do 8 de janeiro, com a seguinte manchete: “Golpistas pró-Bolsonaro invadem o Planalto, o Congresso e o Supremo”. Em caixa alta, uma linha fina com três frases menciona a inação das forças policiais, o decreto de intervenção na segurança pública do DF e a declaração de Lula de que os culpados responderão. O enunciador menciona o ineditismo da destruição dos prédios públicos. O conjunto textual e imagético demonstra a singularidade dos eventos – “Destruição é inédita” – e, ao enquadrar os autores como “golpistas”, o jornal evidencia que o acontecimento se tratava de um golpe contra o estado de direito e a democracia.

Abaixo da manchete, um texto de seis colunas busca explicar o acontecimento, resumido na linha fina. Cada coluna aporta uma ou mais interpretações acerca dos atos: a primeira faz menção ao texto conjunto do STF, Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Superior Tribunal de Justiça (STJ), Tribunal Superior do Trabalho (TST) e Superior Tribunal Militar (STM); a segunda evidencia a posição dos governadores que condenaram os ataques e ofereceram ajuda; a terceira e quarta colunas trazem as explicações e análises do fenômeno pelos colunistas do jornal, e as duas últimas destacam o editorial cujo título “Punhado de idiotas” se refere ao 8 de janeiro como fruto da ação de “uma minoria raivosa”, aproximando o acontecimento aos “derrotados do Capitólio”. A Folha de S.Paulo também vincula os autores dos ataques ao ex-presidente Bolsonaro, cujo nome a manchete associa a golpistas – “golpistas pró-Bolsonaro”. A mesma ideia é reiterada quando o jornal se refere a uma “turba golpista de

apoiadores do ex-presidente [...]. Por outro lado, o enunciador circunscreve os eventos à atitude de um grupo específico – a “turba”. Identificada no texto como “uma minoria raivosa”, no título do editorial, reproduzido na capa, aparece como “um punhado de idiotas”.

Seguindo na primeira metade da capa, uma foto feita de dentro do Palácio do Planalto, pelo ângulo, evidencia um Congresso Nacional estilhaçado, o Palácio do Planalto atingido e completamente tomado pelos extremistas. Na última coluna, ao lado da foto, as declarações de Lula, de Bolsonaro, do presidente da Câmara dos Deputados, do presidente do Senado e da presidente do STF, os protagonistas do dia.

A capa, composta por quatro imagens, sendo três menores, evidenciam detalhes das ações de vandalismo no interior dos prédios públicos. Além disso, a Folha de S.Paulo traz o repúdio do presidente Joe Biden aos atos de vandalismo – um “ultraje”. Por outro lado, a imagem principal, feita do Palácio do Planalto, enquadra o fenômeno a partir de um dos quadros referenciais que se ligam também ao editorial: um claro acinte à democracia com foco na destruição do Palácio do Planalto pela vitória de Lula e a derrota do líder dos manifestantes, Bolsonaro.

O jornal identifica, como causa, “a inação de forças de segurança e autoridades locais”, em referência aos agentes de segurança do DF, cujo imobilismo “facilita a ação dos extremistas”. Se as autoridades locais surgem como causadoras ou facilitadoras, a intervenção de Lula na segurança de Brasília figura como desdobramento natural em resposta à gravidade do que era relatado. Ao reproduzir as declarações das autoridades entre aspas, o jornal assume o declaratório como um destaque na capa, evidenciando a opinião e como cada liderança interpretou e qualificou os atos contra a democracia.

Em síntese, nos primeiros sentidos em circulação, a Folha de S.Paulo buscou reconstituir o que ocorreu no dia anterior, identificando as suas causas mais imediatas, sem qualquer menção mais profunda à anterioridade histórica dos eventos. O que Goffman (2012) chama de enquadramento emerge na tentativa do enunciador de organizar, produzir sentidos e interpretações com fatos e associações, adotando, para isso, declarações de autoridades e termos – como “golpistas”, “turba”, “extremistas” – que dão forma ao acontecimento do 8 de janeiro como um “golpe” efetivamente tentado.

7 O Estado de S. Paulo: ataque à democracia “desafia instituições”

Em três atos – fotos do Palácio do Planalto, do Congresso e do STF – o jornal O Estado de S. Paulo (doravante, Estadão) tenta narrar o 8 de janeiro a partir da capa. No topo, aparece a seguinte expressão: “Instituições desafiadas”, indicando que esse conteúdo se estende da página A6 a A14. A manchete, em letras garrafais, afirma que houve um “Ataque à democracia”, seguida da linha fina: “Golpistas invadem e quebram sedes dos Poderes”.

Na sequência, numa segunda linha fina, enumeram-se os episódios que recompõem a cronologia do dia anterior: “Vândalos pediam intervenção militar; PM é leniente e Lula decreta intervenção na segurança do DF; pelo menos 300 radicais são presos”. A capa traz também chamadas menores, com opiniões e análises, a reprodução da declaração de Jair Bolsonaro sobre os ataques, com o ex-mandatário qualificando os eventos de depredações que “fogem à regra”, e a declaração de Joe Biden, que chama os ataques de “ultrajantes”. É importante notar, ainda, a chamada de capa para o editorial da edição, cujo título faz referência a um “intolerável ataque à democracia”.

Ao analisar a capa do jornal, percebemos que o Estadão enquadrou o acontecimento a partir de referências textuais à democracia, entendendo os sujeitos como “golpistas”, “vândalos” e “radicais”. A imagem mais impactante da capa foi feita de dentro do Palácio do Planalto e mostra o vidro estilhaçado, que constrói um sentido de ataque ao prédio onde trabalha o Presidente. Diferentemente da foto na capa da Folha, a do Estadão não tem o ângulo que mostra o Congresso. A imagem produz múltiplos sentidos e quadros interpretativos secundários, entre eles: o de que o Palácio do Planalto foi o principal prédio e poder atingido, e de que, enquanto a polícia estava do lado de fora, radicais vandalizavam o interior do prédio sem qualquer repressão das forças policiais. A construção evidencia uma situação fora de controle, que sugere convivência de uma parte dos agentes.

Como referimos na análise do Correio e da Folha, na capa do Estadão, os autores – chamados de “bolsonaristas radicais” – são associados a Bolsonaro, mas de forma menos destacada, aparecendo apenas uma vez, no texto da primeira coluna. Por outro lado, é elucidativo que o jornal reproduza a fala de Bolsonaro – afirmando que as ações “fogem à regra da democracia”. Como o jornal não faz nenhuma recuperação do papel do ex-presidente nos episódios anteriores ao 8 de janeiro e confere destaque maior à declaração de Bolsonaro do que à vinculação dos extremistas à figura dele, produz-se uma abordagem menos responsabilizadora do político. É certo que a Folha de S.Paulo reproduziu a declaração, mas o

fez num contexto em que vincula Bolsonaro aos radicais logo na manchete, o que, pela posição tópica do título principal da edição, tem repercussões diferentes na construção dos quadros de sentido propostos.

Se considerarmos todos os elementos da capa, a construção semântica sugere que as instituições do Estado democrático foram colocadas à prova, que as forças policiais e os gestores do DF foram lenientes com o vandalismo, além de promover uma correlação do ocorrido com o que o jornal chamou de extrema direita em outro dos títulos da capa: “O perigoso passo da extrema direita”. A figura de Bolsonaro, no entanto, é pouco explorada.

8 O Globo: terrorismo e a responsabilidade de Jair

A manchete d’O Globo é clara quanto ao que ocorreu em Brasília. De forma assertiva, anuncia que a capital foi alvo de “Terrorismo”. Os autores – “Bolsonaristas radicais”, que “atacam os 3 Poderes” – são ligados diretamente ao ex-presidente. A manchete ainda destaca a reação de Lula ao terror: “Bolsonaristas radicais atacam os 3 Poderes; Lula intervém no DF”. Na linha fina, os autores são chamados de “golpistas”, e o enunciador destaca outros episódios, detalhados no texto: “Golpistas vandalizam Planalto, Congresso e STF; Moraes afasta o governador Ibaneis”.

Se o enunciador aponta uma conexão direta entre os atentados à Praça dos Três Poderes e Bolsonaro, mostra Lula agindo para combater o terrorismo e a insegurança, ao decretar intervenção na segurança do DF. A capa do Globo não só deixa evidente a ligação dos “golpistas” com Bolsonaro, mas o faz nos espaços de maior centralidade da capa.

O enquadramento da responsabilização do ex-presidente é reforçado pelas demais chamadas, que remetem o leitor para análises de colunistas: “Contestação à eleição: Família Bolsonaro e aliados insuflaram golpistas”, “Merval Pereira: Bolsonaro não é líder da direita, mas de marginais”, “Bernardo Mello Franco: A engrenagem do golpismo”, “Míriam Leitão: Ex-presidente é o principal responsável”. Outras chamadas, de menor destaque, apontam a destruição de patrimônio histórico pelo vandalismo, a reação de líderes internacionais, como Joe Biden e Emmanuel Macron, que saíram em defesa da democracia, além da reação dos poderes para articular uma CPI dos atos golpistas.

Ao contrário da Folha de S.Paulo, que reproduziu declarações das autoridades –incluindo a de Jair Bolsonaro, assim como o Estadão – O Globo traz a opinião de colunistas e jornalistas. A capa do jornal reproduz foto de autoria de Gabriela Biló, da Agência Folha, com o mesmo

ângulo de vidraça quebrada e da imagem do Congresso Nacional com efeito da foto em pedaços. O quadro de interpretações coloca como central, assim, a interpretação sobre a orquestração dos atos terroristas contra a sede dos Três Poderes por Jair Bolsonaro.

Como Estadão e Folha de S.Paulo, O Globo reproduz, na capa, a chamada para o editorial da edição. O título – “Justiça tem de punir terrorismo e deter golpismo” – introduz uma reivindicação clara do editorialista para que a Justiça assuma papel de protagonismo na detenção do golpismo, tal como ocorreu em diversas ocasiões, ao longo da presidência de Jair Bolsonaro, quando o então presidente partiu para atitudes antidemocráticas e atentatórias do estado de direito.

9 Considerações finais

O objetivo deste estudo foi analisar os quadros de sentido construídos por quatro jornais brasileiros – Correio Braziliense, Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo –, para perceber como esses veículos, representantes da mídia tradicional, interpretaram e definiram, nos seus discursos de capa, os primeiros momentos do 8 de janeiro de 2023 como um acontecimento jornalístico.

Com ênfase no estudo de texto e imagens veiculados pelos jornais em suas capas, procuramos entender quais foram os principais quadros de sentido construídos por jornais da mídia tradicional sobre os eventos do 8 de janeiro em Brasília. A análise, de natureza qualitativa, permitiu entender como os veículos se posicionaram no momento mais crítico da crise, e, também, compreender a conformação dos eventos como acontecimento. Os dados analisados mostram que os jornais adotaram posições muito semelhantes na identificação dos ataques como graves atentados à democracia brasileira, apontando uma relação direta entre os autores – extremistas, uma turba de apoiadores de Jair Bolsonaro – ao ex-presidente da República. Apesar dessa vinculação, os primeiros sentidos postos em circulação dão uma perspectiva imediatista dos eventos, vinculando-os à inação das forças de segurança do DF, sem uma moldura histórica mais abrangente.

O Correio Braziliense trouxe a construção de uma linha do tempo dos atentados, com uma abordagem imagética abundante, uso de manchetes em destaque, evidenciando a urgência dos fatos e a sua gravidade a partir de um *continuum* jornalístico do acontecimento. A Folha de S.Paulo, por sua vez, produziu enquadramentos a partir de textos informativos, imagens e declarações de lideranças políticas. O jornalismo declaratório foi um destaque na capa,

evidenciando a opinião e como cada liderança interpretou e qualificou os atos contra a democracia, incluindo o ex-presidente.

O Estadão enquadrou o acontecimento a partir de referências textuais à democracia, aos sujeitos como golpistas, vândalos e radicais. Percebemos a construção de uma narrativa na qual as instituições do Estado são colocadas à prova diante da inação de forças policiais e gestores condescendentes com o vandalismo. Já n'O Globo, o quadro de interpretações constrói uma rede de significações segundo as quais Bolsonaro, mesmo fora do país, protagonizou e incitou as ações de vandalismo.

Assim, em seu conjunto, as capas mostraram, tanto em formas textuais quanto imagéticas, a repulsa dos jornais aos ataques de 8 de janeiro à democracia. Os posicionamentos e quadros de interpretações identificados constroem classificações para os ataques, que vão da denúncia do terrorismo e da depredação do patrimônio público à luta e ao combate necessários pela preservação e o fortalecimento da democracia no Brasil. Essa reação dos jornais aos eventos efetivamente atentatórios do pacto civilizatório instaurado com a Constituição de 1988 parece sugerir um compromisso efetivo do jornalismo com o estado de direito e com as suas instituições.

É fundamental, no entanto, destacar que o 8 de janeiro de 2023 não nasce simplesmente da ação dos “radicais”, “golpistas” e “terroristas” identificados nas capas dos jornais aqui analisados. As ações a que assistimos, tal como argumentamos no início deste trabalho, começaram a ser gestadas muito antes, ao longo do governo Bolsonaro, mas também no ciclo de crises que a democracia brasileira viveu desde as Jornadas de Junho de 2013. Em todo esse processo, a imprensa jogou um papel nada desprezível, ao lado de setores das próprias instituições que se tornaram alvos privilegiados do bolsonarismo. Em suma, os quadros de sentido mapeados nas capas dos jornais e sistematizados neste estudo ajudam a ampliar a reflexão em torno dos episódios ocorridos em Brasília, mas carecem, certamente, de uma moldura histórica mais ampla, que nos permita entender, a partir das anterioridades do acontecimento, o complexo processo de desdemocratização do Brasil na última década.

Referências

ALBUQUERQUE, A. Populismo, elitismo e democracia. **Mediapolis: Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, Coimbra, v. 12, p. 17-31, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.14195/2183-6019_12_1. Acesso em: 11 jul. 2024.

- ARAÚJO, B. **A Mediatização da corrupção política na cobertura do escândalo do mensalão**: estudos do discurso de imprensa. 2018. Tese (Doutorado em comunicação) - Curso de pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- CORREIO BRAZILEINSE. Ataque terrorista vandaliza República ... **Correio Braziliense**, Brasília, 9 jan. 2023.
- DIDI-HUBERMANN, G. **Atlas ou o gaio saber inquieto**: o olho da história, III. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2019.
- FERREIRA, F. V. **O papel do factual nos processos de agendamento e de enquadramento no telejornalismo**. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- FOLHA DE S.PAULO. Golpistas pró-Bolsonaro invadem o Planalto, o Supremo e o Congresso. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 9 jan. 2023.
- FRANÇA, V. R. V. O acontecimento e a mídia. **Galáxia**, São Paulo, n. 24, p. 10-21, 2012.
- GUAZINA, L.; GAGLIARDI, J.; ARAÚJO, B. Media, Corruption and far right-wing populism: notes on journalistic coverage of political scandals in Brazil. In: CUNHA, I. F. *et al.* (org.). **Media, populism and corruption**. Lisboa: Icnova, 2023. p. 88-103.
- GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GOFFMAN, E. **Frame analysis**: an essay on the organization of experience. London: Harper and Row, 1974.
- O ESTADO DE S.PAULO. Ataque à democracia. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, 9 jan. 2023.
- O GLOBO. Terrorismo: Bolsonaristas radicais atacam os 3 Poderes; Lula intervém no DF. **O Globo**, São Paulo, 9 jan. 2023.
- ORLANDO, R. **Design de imprensa e primeira página do jornal impresso**. [Relatório pós-doutoral]. Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2017. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/7636>. Acesso em: 16 maio 2023.
- QUÉRÉ, L. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. (org.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 21-38.
- QUÉRÉ, L. A individualização do acontecimento no quadro da experiência pública. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, Lisboa, v. 10, p. 13-37, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10437/6050>. Acesso em: 11 jul. 2024.

QUÉRÉ, L. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, v. 6, p. 59-75, 2005.

LANGER, A. I.; GRUBER, J. B. Political agenda setting in the hybrid media system: why legacy media still matter a great deal. **The International Journal of Press/Politics**, Washington, v. 26, n. 2, p. 313-340, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1940161220925023>. Acesso em: 11 jul. 2024.

MENDONÇA, R.; SIMÕES, P. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 188-235, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200012>. Acesso em: 16 maio 2023.

MOUNK, Y. **O povo contra a democracia**: porque nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUDDE, C. **A extrema direita hoje**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2022.

Far-right and attack on democracy in Brazil : event and construction of frames of meaning in the press

Abstract

This text starts from the following problem: What are the main frames of meaning constructed by traditional media newspapers about the events of January 8th in Brasília? To this end, the printed editions of January 9, 2023, one day after the events, published by four Brazilian newspapers were analyzed: Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, O Globo and Correio Braziliense, using Content Analysis methodologies and framing concepts to understand how the process of constructing news and reports on the attacks that occurred in Brasília took place. From the analysis, it is identified that the covers in question showed both in textual and visual forms the repulsion against the attacks of January 8th on democracy with positions and framework of interpretations that highlight the actions of terrorism and depredation of public property and the fight for the right to democracy in the country.

Keywords

democracy; framing theory; January 8; media coverage; newspaper covers

Autoria para correspondência

Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini
jocienebf@gmail.com

Como citar

PORTARI, Rodrigo Daniel Levoti; PEDRINI, Jociene Carla Bianchini Ferreira; FERREIRA, Fernanda Vasquez; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; ARAÚJO, Bruno Bernardo. Extrema direita e atentado à democracia no Brasil: acontecimento e construção de quadros de sentido na imprensa. **Intexto**, Porto Alegre, n. 56, e-135964, 2024. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583.56.135964>

Recebido: 04/10/2023

Aceito: 18/06/2024



Copyright (c) 2024 Jociene Carla, Rodrigo Daniel, Fernanda Vasques, Cristóvão Domingos, Bruno Bernardo. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.